

# *Apresentação do artigo “O Eu de Fichte”, de Dieter Henrich*

*Luciano Carlos Utteich*

UNIOESTE/Toledo

Teve início com Dieter Henrich (Marburg, 05/01/1927), desde os anos 70, a retomada dos autores clássicos da filosofia alemã e do estudo comentado do pensamento de Immanuel Kant até a recepção dos pós-kantianos, Fichte e Hegel, e daí para os primeiros românticos alemães. Para núcleo dos estudos sobre Kant-Hegel, D. Henrich publicou, em 1971, *Hegel im Kontext*, com edição revisada e ampliada em 2010, num minucioso debate sobre a filiação do pensamento hegeliano à tradição anterior, o qual reapareceu em publicação inglesa em *Between Kant and Hegel. Lectures on German Idealism* (2003). Com igual circunspeção, foram debatidos os escaninhos que formaram o período dos primeiros pós-kantianos na filosofia, no pensamento de Reinhold, Maimon, Schulze e Jacobi, tratados tanto do ponto de vista histórico como reflexivo, e das origens do primeiro romantismo alemão nos estudos dedicados a Hölderlin (2004a), a Schiller, a Novalis, a Schlegel e outros, nos dois volumes do *Grundlegung aus dem Ich* (2004b). Relativo ao período do Idealismo alemão, na ênfase sobre as fontes da vertente idealista da razão, D. Henrich dedicou-se a apresentar a lógica interna das formulações sistemáticas de Fichte, Schelling e Hegel, reconstituída em *Kostellationen* (1991). Se a história da filosofia pós-kantiana não deve ser explicada com dependência exclusiva de uma perspectiva pessoal de pensamento, mas, sim, a partir da constelação de problemas, é salutar reconhecer, nesse período, que o conjunto de possibilidades não podia ser capitaneado por apenas um único sistema de pensamento.<sup>1</sup> Aqui as premissas que reconstroem os temas e problemas em cada filósofo, ao qual se aplica a leitura exegética, têm de levar em conta o contexto.

---

<sup>1</sup> HENRICH (1991), pp. 209-210.

Isso se encontra, por exemplo, nesta exposição de Dieter Henrich sobre o pensamento fichtiano em “O Eu de Fichte” (*Fichtes-Ich*), no cuidado com que investiga a filiação às origens do problema do eu e da nascente teoria da reflexão, nos períodos pré- e pós-kantiano. Para elemento diferenciador da indagação de Fichte sobre o problema da consciência, no exame da sequência Kant-Reinhold-Fichte, D. Henrich havia já apontado, em outro texto, a passagem da concepção de consciência em Kant à de Reinhold, na descoberta feita por Fichte e que o teria auxiliado a chegar à formulação da *Wissenschaftslehre*: no escrito germinal *Eigene Meditationen über Elementarphilosophie* (1792), contra a tese de Reinhold, Fichte teria compreendido que o ato fundamental da consciência não pode consistir meramente em um relacionar e distinguir, senão que, prévio a isso, há que se postular como se dando uma oposição, um opor, como condicionante da operação de distinguir.<sup>2</sup> Mais rica em consequências que a tese de Reinhold, a tese de Fichte sustentava então que a consciência só é compreensível a partir da oposição, e não a partir da ligação do múltiplo, como Kant manteve na *Kritik der reinen Vernunft* (1787). Fichte teria compreendido que oposição exige um fundamento de unidade e que esse só deve ser encontrado na absolutidade da autoconsciência, enquanto ela abarca toda oposição. Ato contínuo, essas meditações iniciais serão corroboradas na primeira *Doutrina da Ciência*, a *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* (1794). Pois, tem de ser estabelecido, diz Fichte, que

...o opor só é possível sob a condição da unidade da consciência do que põe e do que opõe. Se a consciência da primeira ação não tivesse conexão com a consciência da segunda [ação], o segundo pôr não seria um opor, mas pura e simplesmente um pôr: ele somente se torna um opor pela referência a um pôr.<sup>3</sup>

Por essa tematização da autorreflexividade da consciência, Fichte terá dado início, então, à segunda época no desenvolvimento da teoria da autoconsciência, a respeito do que, pondera D. Henrich, parecendo já esclarecido, ainda permanecia em grande obscuridade devido ao círculo a que tende se enredar toda teoria reflexiva do eu. Desde a tradição pré-kantiana, a primeira época da teoria da autoconsciência havia trazido o eu para o lugar da certeza para

---

<sup>2</sup> HENRICH (2010), p. 20.

<sup>3</sup> FICHTE, *A Doutrina da Ciência de 1794*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, 1980 (doravante: DdC, 1980), p. 50 (doravante: DdC, 1980). Na edição alemã organizada pelo filho Immanuel Hermann Fichte: *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, 1971 (doravante: GWL, 1971), p. 103.

fundamento de todo possível saber (Descartes); no lugar do arquétipo que dá o lastro para os conceitos de substância e atividade (Leibniz); no lugar de uma forma que escapa de toda possível autoidentificação de si (Locke); como condição necessária de todo juízo por facultar a ligação dos conceitos pela cópula lógica (Rousseau); e, a partir de Kant, no lugar do saber como o ponto máximo tanto da lógica como do edifício da filosofia transcendental (Kant)<sup>4</sup>. Só ficou faltando, nesse período, conceber e investigar o eu nele mesmo, e não meramente como princípio do saber. Afinal, indaga o autor, o que é que pode ser justificado por meio do eu?

Conforme Descartes, a evidência; conforme Leibniz, as categorias; conforme Rousseau e Kant, o juízo. E Locke apenas colocou em questão o que Leibniz queria mostrar, ou seja, que o eu é a justificação fenomenal para uma definição exata da substância. (*Idem*, p. 61)

Foi formulada a estrutura do eu-consciência primeiramente por Kant, o qual considerou o eu, segundo D. Henrich, juntamente com “...o ato com o qual um sujeito do saber, à medida que abstrai de todos seus particulares objetos, volta-se para si mesmo e então leva a unidade completa consigo mesmo à consciência”.<sup>5</sup> Ou seja, que o eu se considera no conceito de autoconsciência só “...à medida que pensa um conteúdo determinado...”<sup>6</sup>, destacando nisso, então, que “...a autoconsciência é o único caso no qual o ato do pensamento e aquilo que é pensado (a intenção e o intencionado) não são diferentes um do outro”.<sup>7</sup>

Os indícios que apontam para um incremento do resultado alcançado por Kant, o qual levou em conta que a unidade da consciência, por sua natureza autorreflexiva, não podia ser mostrada de antemão, serão visíveis em seu aprofundamento na teoria reflexiva do eu de Fichte, motivo pelo qual, no intuito de evitar se enredar nisso, tal teoria conduzirá a aporias de outro tipo. É que, observa D. Henrich, o eu é

...um ato que é sempre possível, pelo qual este eu “para Si mesmo diz eu” – “eu” a si mesmo, portanto, como “atividade”, tem por tema o seu saber. Sem esse ato não há nenhum eu. E onde sempre houver

---

<sup>4</sup> HENRICH (1982), p. 60.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> *Ibidem*

eu, aí também estará já essa dualidade: o sujeito, e o sujeito como objeto para si mesmo. (HENRICH, 1982, p. 61.)

Como segunda época da teoria da reflexão, doravante tornar-se-á problema da teoria da consciência precisamente a estrutura do eu, visto que o eu alcança o saber de si somente mediante o retorno para si mesmo: quando o sujeito é pensado, o próprio sujeito pensante é tomado como pressuposto nesse pensamento. A estrutura reflexiva do eu reside nesse círculo da consciência, no qual tem de se mover a autoconsciência e em que o eu está sempre circundado por si, diz o autor (1982), figurando como “...seu próprio demônio...” (*Idem*, p. 64) por saber imediatamente de si “sem ajuda e sem poder ser enganado [...] e sem ter de passar por reflexões e combinações” (*Ibidem*): ele é o conteúdo do seu próprio saber.

A investigação da teoria da reflexão do eu incide, desse modo, na elucidação das mediações desta autorreferência inescapável, fundadora tanto do sujeito como do objeto de conhecimento, na medida em que o sujeito faz de si seu objeto e passa a existir para si desde essa autorreferencialidade: somente porque se conhece como idêntico a si, o homem pode identificar objetos. Afinal, de que modo tornar-se-ia possível interpretar o fenômeno do eu-consciência no caso de não ser compreensível “...como a unidade surge de seus elementos...” e de que a própria “...unidade da autoconsciência [...] não se entende a partir de si mesma?” (*Idem*, p. 69). D. Henrich lê isso como sendo a tarefa aceita por Fichte, a de desenvolver uma teoria para explicar o advento do eu mediante o cumprimento de duas condições: essa teoria

...deve dar uma explicação da unidade originária dos elementos do eu; e, ela deve mostrar como cada um dos elementos é determinado pela sua relação originária com os outros. [...] Essa teoria deve perguntar pelo fundamento da determinação recíproca dos momentos constitutivos do eu. (*Ibidem*)

A primeira *Wissenschaftslehre* (1794) foi a tentativa inicial de Fichte para superar as dificuldades em estabelecer uma ciência filosófica pelo princípio da autoconsciência, expresso na proposição: “o eu põe pura e simplesmente a si mesmo”. Pois, como proposição que funda a forma da ciência, uma doutrina (*Lehre*) da ciência em geral, por ela são mostradas fundadas as ações teóricas (parte teórica) e ações práticas (parte prática) do eu como autoconsciência, ainda que, no decorrer das outras versões da *Wissenschaftslehre*, ocorra a concomitante

substituição do eu como princípio visando escapar das aporias nascidas da teoria da reflexão assentada exclusivamente nele.<sup>8</sup>

Como exemplo de aporia serve a teoria do travo (*Theorie vom Anstoß*)<sup>9</sup> no texto de 1794, que sustenta o pressuposto de algo fora do eu (que estabelece, no mínimo, uma equivalência ou paridade com o não-eu) para despertar (por choque ou travamento) a auto-atividade do eu, visando impedir com que se concedesse qualquer possibilidade de explicação da representação (*Vorstellung*) como tendo procedida da posição de um não-eu, como sua causa<sup>10</sup>, numa engenhosa apropriação, por Fichte, da figura da coisa em si (*Dinge an sich*) presente em Kant. Disse ele:

Foi lembrado há pouco [...] que: se no eu algo deve ser determinado como subjetivo, e algo outro ser excluído, como objetivo, de sua esfera, tem de ser explicado como esse último, a ser excluído, poderia estar presente no eu, e isso não pode ser explicado segundo aquela maneira de concluir. Essa objeção é respondida pela presente proposição: o objetivo a ser excluído não precisa estar presente; pode estar presente para o eu, meramente, por exprimir-se assim, um travo (*Anstosz*), isto é, é preciso que o subjetivo, por um fundamento qualquer, que simplesmente esteja fora da atividade do eu, não possa ser estendido além. (DdC, 1980, p. 110-111; GWL, 1971, p. 210)

Entretanto, devido à dinâmica da teoria do travo como figura de uma limitação externa, a *Wissenschaftslehre* estabeleceu as ações de alternância do eu consigo mesmo, na tarefa do eu de delimitar-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que permitiu, por meio disso, a passagem da parte teórica à parte prática, na supressão da questão da explicação da representação na parte teórica (para a qual o eu é apenas inteligência), até alcançar o desdobramento da atividade do eu (*Tätigkeit des Ich*) na parte prática, que explicita os atos do eu (finito) perante a

---

<sup>8</sup> Uma tal superação foi explicitamente tematizada pelo próprio Fichte na *Doutrina da Ciência* de 1804 (Segunda Exposição) (*Die Wissenschaftslehre. Zweiter Vortrag im Jahre 1804*), conhecida como as Conferências de Berlim. Numa exposição das principais teses dessa *Wissenschaftslehre*, Ludwig Siep (1970) mostrou a que ponto, a partir dela, Fichte conseguiu contornar todas as dificuldades do texto fundacional de 1794, que se tornara objeto privilegiado da crítica de Hegel no *Escrito da Diferença* (1801) (*Differenz des Fichte'schen und Schelling'schen Systems der Philosophie in Beziehung auf Reinhold's Beyträge zur leichten Übersicht des Zustands der Philosophie zu Anfang des neunzehnten Jahrhunderts*). Para uma exposição da *Doutrina da Ciência* de 1804 de Fichte, em sua superação da crítica hegeliana, na qual apresento algumas teses principais de Siep, cf. UTTEICH (2015).

<sup>9</sup> HENRICH (1982), p. 73.

<sup>10</sup> DdC, 1980, p. 82; GWL, 1971, p. 155.

ideia do infinito à base da atividade do eu, como esforço (*Streben*) e tendência (*Tendenz*), vinculados ao ato de posição absoluta do eu<sup>11</sup>, presente no primeiro princípio “o eu põe pura e simplesmente a si mesmo”.

Assim, para o autor (1982), Fichte teria conduzido à (auto)consciência o problema da liberdade como uma experiência vital, enquanto tais aporias, ao mesmo tempo em que permitiam identificar a fuga para a frente da liberdade como elemento vital, reivindicavam uma resolução definitiva, mas que só foi encontrada, de outros modos, nas versões seguintes da *Wissenschaftslehre*. Nelas, Fichte transforma e abandona posições anteriores, servindo-se de metáforas conceituais para exprimir a autorreflexividade da autoconsciência, como, por exemplo, a referente à atividade do eu como constituindo “...a atividade em que é introduzido um olho...”<sup>12</sup>, numa inovadora teoria da imagem em que o olho (*Auge*) que vê e o ato de ver (*Sehen*) configuram uma unidade expressiva com pretensão de alcançar um estatuto válido do ponto de vista epistemológico.

Relativo à elaboração do texto “O Eu de Fichte”, traduzido aqui do idioma alemão, vale mencionar um episódio inusitado: após haver apresentado, no início de 1966, no Collège de France, a conferência *La Découverte de Fichte*, escrita em francês, e de havê-la publicado na *Revue de Métaphysique et de Morale* (1967b), o manuscrito original do autor foi perdido.<sup>13</sup> Por isso, para realizar a primeira publicação do texto no idioma original, D. Henrich teve de se servir do texto em francês e traduzi-lo para o idioma alemão, levando em conta com isso, obviamente, algumas perdas. O estudo seguinte, de maior fôlego, de D. Henrich sobre Fichte, intitulado *Fichtes ursprüngliche Einsicht*, publicado originalmente no *Festschrift a Konrad Cramer* (1966) e na versão individual no ano seguinte (1967a)<sup>14</sup>, teve origem nas reflexões desenvolvidas em “O Eu de Fichte”. O texto “Fichtes-Ich” pertence ao volume intitulado *Selbstverhältnisse* (1982), que reúne textos publicados em outros periódicos e revistas filosóficas.

---

<sup>11</sup> DdC, 1980, p. 141; GWL, 1971, pp. 261-262.

<sup>12</sup> HENRICH (1982), p. 75.

<sup>13</sup> Agradeço ao amigo Ricardo Barbosa pela gentileza em enviar-me a versão francesa do texto de Dieter Henrich, *La Découverte de Fichte* (1967), tornando possível, desse modo, um futuro cotejamento com a versão alemã aqui traduzida.

<sup>14</sup> Faço referência ainda à reedição desse estudo dedicado à Fichte no mais recente livro de Dieter Henrich, publicado em 2019, que reúne outra série de aprofundamentos sobre as versões posteriores da *Wissenschaftslehre* de Fichte.

## Referências

- FICHTE, Johann Gottlieb. 1971. *Fichtes Werke*. Ed. I.H. Fichte. Band I. Berlin: Walter de Gruyter.
- FICHTE, Johann Gottlieb. 1980. *A Doutrina da Ciência de 1794*. Trad. Rubens R. T. Filho. São Paulo: Abril Cultural.
- HENRICH, D. 1966. Fichtes ursprüngliche Einsicht. In: HENRICH, D.; WAGNER, H. (orgs.). *Festschrift a Konrad Cramer*. Subjektivität und Metaphysik. Festschrift für Konrad Cramer. Frankfurt am Main: Klostermann, p. 188-232.
- HENRICH, D. 1967a. *Fichtes ursprüngliche Einsicht*. Frankfurt am Main, Klostermann.
- HENRICH, D. 1967b. La Découverte de Fichte. *Revue de Métaphysique et de Morale* vol. 72 no. 2: pp. 154 - 169
- HENRICH, D. 1970 / 2010. *Hegel im Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- HENRICH, D. 1982. Fichtes-Ich. In: *Selbstverhältnisse*. Gedanken und Auslegung zu den Grundlagen der klassischen deutschen Philosophie. Stuttgart: Reclam, pp. 57-82.
- HENRICH, D. 1991. *Konstellationen: Probleme und Debatten am Ursprung der idealistischen Philosophie (1789-1795)*, Stuttgart: Klett-Cotta.
- HENRICH, D. 2003. *Between Kant and Hegel*. Lectures on German Idealism Cambridge/Harvard University Press.
- HENRICH, D. 2004a. *Der Grund im Bewußtsein*. Untersuchungen zu Hölderlins Denken (1794-1795). Stuttgart: Klett-Cotta.
- HENRICH, D. 2004b. *Grundlegung aus dem Ich*. Untersuchungen zur Vorgeschichte des Idealismus. Tübingen – Jena 1790 – 1794. 2 vols. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- HENRICH, D. 2019. *Dies Ich, das viel besagt: Fichtes Einsicht nachdenken*. Frankfurt am Main: Klostermann
- SIEP, L. 1970. *Hegels Fichtekritik und die Wissenschaftslehre 1804*. Freiburg/Munique: Karl Alber.
- UTTEICH, L. C. 2015. As Conferências de 1804 de Fichte diante do sistema no *Differenzschrift* (1801) de Hegel. In: CARVALHO, M.; TASSINARI, R.; PERTILE, J. P. *Hegel*. Coleção VI Encontro ANPOF: ANPOF, pp. 326-347.

## Resumo

No texto fundacional da *Doutrina da Ciência*, a *Grundlage* (1794), Fichte inovou ao propor o princípio da autoconsciência, como autoposição de si, para fundador tanto do conhecimento teórico como do prático. Contudo, ao conceder exclusivamente a esse princípio (eu) estabelecer o conjunto das atividades reflexivas, nisso esbarrou em pontos intratáveis para a própria atividade da consciência. Ainda que alcançou uma fundamentação, na perspectiva transcendental, da estrutura autorreflexiva da consciência que faltava ao princípio da consciência de Reinhold, a vinculação dela a um não-eu, como condição para mantê-la em sua dinâmica, conduziu Fichte, a despeito de haver inaugurado pela teoria do “eu” a segunda fase no tratamento da teoria da reflexão, a aporias que colocaram sua teoria da reflexão da consciência perante obstáculos intranponíveis. Na percepção dos limites intrínsecos a essa abordagem do primeiro princípio assentada na figura da autoconsciência (eu), Fichte elaborará, nos anos seguintes, as outras exposições da *Doutrina da Ciência*, visando escapar das aporias manifestadas na primeira versão.

**Palavras-chave:** Idealismo, autoconsciência, *Doutrina da Ciência*, não-eu, autoposição, filosofia transcendental

## Abstract

*Presentation of the translation “Fichte’s Self” by Dieter Henrich. In the foundational text of the Doctrine of Science, the Grundlage (1794), Fichte innovated by proposing the principle of self-consciousness, as self-position of self, for the founder of both theoretical and practical knowledge. However, by granting exclusively to this principle (Self) establish the set of reflexive activities, in this he ran into intractable points for the activity of consciousness itself. Yet it achieved a grounding, from the transcendental perspective, of the self-reflexive structure of consciousness that Reinhold’s principle of consciousness lacked, the linking of the consciousness to a non-self, as a condition for maintaining its dynamic, led Fichte, despite having inaugurated the second phase in the treatment of the theory of reflection with the theory of the “Self”, the aporias that placed his theory of the reflection of consciousness before insurmountable obstacles. In the perception of the intrinsic limits of this approach to the first principle based on the figure of self-consciousness (Self), Fichte would elaborate, in the following years, the other expositions of the Doctrine of Science, aiming to escape the aporias manifested in the first version.*

**Keyword:** Idealism, self-consciousness, Doctrine of Science, non-self, self-position, transcendental philosophy